https://doi.org/10.53000/hs.v21i00.5536

Arantes é Menocchio: uma resenha sobre micro-história social em *Na Vida, a Trabalho* (2025)

João Augusto Kaminski Silla[1]

SILLA, J. A. K. **Arantes é Menocchio:** uma resenha sobre micro-história social em *Na Vida, a Trabalho* (2025)
História Social, vol. 21, p. 01-11, e026011, 2026

PORTO, L. **Na Vida, a Trabalho**: mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA – 1930-2009). Salvador: EdUFBA, 2025.

Lucas Porto, professor de História do Brasil República na Universidade Federal do Paraná, apresenta em seu *Na Vida, a Trabalho* (2025), fruto de tese de doutorado defendida em 2023 na Unicamp[2], como um documento (uma autobiografia escrita por um trabalhador orgulhoso e comum) serve de produto para a expressão de uma micro-história social. Nesse trabalho, Porto procura entender a trajetória de Antônio Honorato Arantes Filho (1930-2009), um trabalhador que nasce lido como pardo, tendo como mãe uma descendente de escravizados, e morre com "branco" (além de 2 apartamentos quitados) em seu atestado de óbito, a partir

[1] Graduando em História-Licenciatura na Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). E-mail: jkaminskisilla@gmail.com

[2] TORRES, Lucas Porto Marchesini. "**O perfil do administrador que a empresa precisava"**: mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA - 1930-2009). 445 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2023.

de sua autobiografia, problematizando esse sujeito a partir de uma chave analítica interessante: a micro-história social. Nesse sentido, Porto determina três elementos que emolduram a imagem de Arantes: a mobilidade social (retratada no esforço dessa personagem de estabelecer-se como trabalhador e ascender economicamente a partir dos mundos do trabalho), os marcadores de diferença (raça, classe, hierarquias, idade, moralidade, posições políticas, etc.) e a escrita de si, algo que parte da própria fonte: a autobiografia[3].

Tendo em vista que Porto se autoproclama um *fontesoniano*[4], notamos de início um posicionamento empiricista do autor, indicando que conceitos e predicados atribuídos *a priori* ao objeto e ao *corpus* documental são elementos contrários a qualquer tipo de pesquisa histórica. Lembra, nesses termos, E. P. Thompson em *A miséria da teoria* quando afirma que "nossa preocupação, mais comumente, é com múltiplas evidências, cuja inter-relação é, inclusive, objeto de nossa investigação"[5]. Fica clara a inspiração *fontesoniana*: uma pesquisa que se pauta nas múltiplas evidências, no documento histórico e nas suas possibilidades de sentido frente ao contexto histórico.

Em termos micro-históricos, Porto argumenta que a autobiografia de Arantes reflete seu "cuidado autoarquivístico"[6], mostrando que a partir de uma parcela muito específica da realidade histórica (a vida de um sujeito

[3] PORTO, Lucas. **Na Vida, a Trabalho**: mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA – 1930-2009). Salvador: EdUFBA, 2025, p. 32-36.

[4] Ao que parece, o termo não encontra fundamento bibliográfico e aparece como um chiste aos historiadores que nomeiam a si próprios a partir de autores ou tradições de pensamento (e.g.: foucaultianos, marxistas, estruturalistas, etc.). No entanto, por mais paradoxal que seja, o termo aponta para uma historiografia empiricista, algo que não deixa de guardar pressupostos teóricos e metodológicos de como fazer "História". Para isso citamos a orelha do livro, na qual aparece o seguinte: "Este livro, alinhado a uma História Social *fontesoniana* [grifo do livro], mostra, através de vasta pesquisa, como a trajetória de um trabalhador comum é multifacetada e complexa." *In.:* PORTO, Lucas. **Na Vida, a Trabalho**: mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA – 1930-2009). Salvador: EdUFBA, 2025, orelha do livro.

[5] THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 [1978], p. 15.

[6] PORTO, Lucas. **Na Vida, a Trabalho.** ***Op. cit.***, p. 24.

comum) amplia-se em sentido quando se produz uma história que retrata as culturas de classe e as formas de ocupação do espaço social por um trabalhador comum.[7] Nas palavras de Porto,

> O principal argumento defendido nestas páginas é a de que a mobilidade social alcançada por Antônio Arantes [...], não o afastou das culturas de classe em que ele se criou e que isso se deve a múltiplos fatores. O livro demonstra como sua autobiografia e todas as demais fontes que o cercam, produzidas por ele ou não, e muitas vezes sem influência da posteridade, revelam seu empenho na construção de um perfil profissional com o qual ele se identificava profundamente e pelo qual era identificado por familiares e amigos, patrões e diretores, colegas e subordinados. Tal perfil foi sustentado por uma relação positiva e comprometida com uma ética do trabalho que necessariamente não o distinguem nem o afasta de outros trabalhadores. Para isso, o livro explora os silêncios de Arantes e demonstra como diversos marcadores sociais de diferenças influenciaram sua trajetória, contribuindo para sua ascensão – como sua masculinidade –, ou criando barreiras – como a sua origem social pobre, seu baixo letramento e a cor de sua pele, que não o libertaria de experiências de estigmatização[8].

A vontade do autor do livro, com formação de historiador e espírito de literato, demonstra por longas, mas com estilo próprio e fluidas, 476 páginas de texto o cuidado e a assiduidade de defender o argumento acima exposto. Para isso, o livro foi dividido em quatro partes e um epílogo, biografando Arantes para além de sua própria caneta. A primeira parte, "'Para não se meter em bolo': um aprendizado"[9], narra um caso específico de furto na Fábrica Boa Viagem (local onde Arantes trabalhará desde os

[7] O paralelo com o Menocchio de Ginzburg é interessante nesse momento: ambos encontram no sujeito comum uma forma de *contar uma história* sem deixar de lado o crivo metodológico. Além disso, a fonte é extremamente única: uma autobiografia escrita por um trabalhador sem nível superior e com senso arquivístico tão aguçado, pode-se dizer, é tão rara quanto um processo inquisitorial íntegro.

[8] PORTO, Lucas. **Na Vida, a Trabalho. *Op. cit.,*** p. 26.

[9] *Ibid., p. 37-74*.

16 anos), mostrando o seu ambiente a partir da precariedade de trabalho e hierarquia entre peões e patrões. O furto mostra como eram heterogêneas as relações entre trabalhadores de diferentes cargos e setores[10], indicando, através do cotidiano, como havia a necessidade de estabelecer relações de confiança, os modos de *fazer-se* da classe operária dentro da Fábrica[11].

Com o conhecimento do seu entorno, Arantes se forma enquanto trabalhador astuto, sabendo que qualquer deslize pode lhe custar o emprego e possibilidades de ascensão. É com esse conhecimento que Porto compreende seu personagem principal na segunda parte "Um perfil em construção: dos rolos da fiação ao colarinho-branco (1946-1969)"[12]. Nessas 160 páginas, Arantes é compreendido como quem dedica-se em constituir uma imagem de profissional dedicado marcando uma diferença "pela gravata"[13]. Esse sujeito se distinguia dos seus pares à medida em que, dado o contexto trabalhista da Boa Viagem com poucas pessoas alfabetizadas, ele ascendeu no mundo do trabalho a partir de conhecimentos empíricos: relações interpessoais, ênfase e dedicação ao trabalho como forma de resistir e driblar preconceitos atinentes a sua pessoa[14].

Desse modo, com especial atenção à trajetória de Antônio Arantes, Porto argumenta que:

> Os argumentos de Bourdieu alertam para as possíveis ilusões carregadas em um nome próprio, que é incapaz de dar sentido à totalidade de um sujeito, mas a forma como Arantes se estabeleceu através do patronímico, no manuscrito e ao longo da vida, longe de ser uma invenção da posteridade, é a expressão de como ele aprendeu a se autoafirmar [...][15].

[10] *Ibid., p. 39*.
[11] *Ibid.,* p. 42-61.
[12] *Ibid.*, p. 75-238.
[13] *Ibid.*, p. 75.
[14] *Ibid.*, p. 80-81.
[15] *Ibid.*, p. 87.

Essa atenção ao sujeito, respeitando-o enquanto protagonista de sua própria história, faz do trabalho de Porto uma defesa da complexidade do que significa ser trabalhador no Brasil. Arantes passou por diversas formas de violência (desde a pobreza até o racismo), e foi nas formas de diferenciação que conseguiu dar outros sentidos para a sua vida, como o gosto pelo vestir-se bem e posar para fotos, pelo basquete – algo incomum na sociedade soteropolitana da época[16] – e pelo time de futebol do coração, o Vitória.

Ainda nessa parte, o sujeito biografado é lido como quem possui uma ética do trabalho muito evidente, ainda que não mascare sua cor parda, como definida por Porto[17]. Nesse sentido, o autor afirma que a trajetória de Arantes é um "convite à reflexão sobre o papel dos pardos na sociedade brasileira e confronta categorias que, se mal compreendidas, imobilizam a realidade"[18]. É de extrema importância reconhecer a dinâmica racial brasileira em sua empiria e, nesse caso, temos de ter consciência de que categorias universais que procuram dar conta de uma realidade complexa podem ser facilmente julgadas como alienação, nos termos de Clóvis Moura[19]. Assim, a classificação racial de Arantes aparece mais como uma forma de tornar mais respeitosa a análise com vistas a complexa formação social e racial no contexto em que o sujeito estava inserido.

Essa segunda parte termina revelando que Arantes, por mais que fosse um sujeito que sofreu diversas violências em sua vida, não se relacionou a nenhum sindicato ou partido. Porto usa disso para mostrar como a realidade de um sujeito como aquele que biografa extrapola a política, fazendo da maior preocupação de Arantes a sobrevivência e a possibilidade de ter uma vida melhor através do trabalho, por isso sempre possuindo uma sensibilidade ímpar[20], assim como alguém que desenvolveu uma

[16] *Ibid.*, p. 185-186.
[17] *Ibid.*, p. 97.
[18] *Ibid.*, p. 97.
[19] MOURA, Clóvis. **Injustiças de Clio**: o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 23-25.
[20] PORTO, Lucas. **Na Vida, a Trabalho. *Op. cit.***, p. 197.

mentalidade conservadora, impondo à esposa, Morena, o papel de dona de casa[21].

Na terceira parte, "Um trabalhador em ascensão: das redes tecidas na Boa Viagem aos alicerces da construção civil (1969-1986)", narra-se como as redes estabelecidas por Arantes dentro e fora da Boa Viagem foram elementares para que ele conseguisse condições de trabalho melhores em outro ramo empresarial, o da construção civil[22]. Para o historiador, Arantes atinge um teto profissional na Boa Viagem, havendo a necessidade de galgar melhores condições de trabalho no ramo da construção, mas isso só aconteceu devido aos laços de Arantes com Joselito, alguém que já trabalhava no ramo civil e, ao ouvir a vontade do amigo, conseguiu estabelecer contato entre ele e a construtora Otto Schaeppi[23]. No entanto, a parte mais interessante desse momento é a posição de Arantes enquanto "chefe de família" (já era pai de Valter Rui e Laurinha), se mostrando como alguém que era relutante com Morena quando ela queria tirar seu Cadastro de Pessoa Física (CPF), ainda que se mostrasse alguém sério, profissional e "de família"[24].

Esses elementos são agregados em um sentido: Arantes, sujeito de decoro com seus chefes, estabelecendo confiança, fazendo novos colegas e amigos[25] e mantendo para si opiniões possivelmente controversas, como aquelas sobre a política partidária, fazendo desse sujeito alguém bem estabelecido e que não procurava se meter em encrencas. Segundo o historiador, é nesse período (1969-1986) em que o sujeito biografado conseguiu quitar dois apartamentos[26], uma conquista imensa para quem nasceu e cresceu em uma casa que não era sua, conseguiu mandar Laurinha morar

[21] *Ibid.*, p. 220-222.
[22] *Ibid.*, p. 239.
[23] *Ibid.*, p. 240-252.
[24] *Ibid.*, p. 260.
[25] Depois da Otto Schaeppi, Arantes é contratado pela CONCIC, uma grande empresa de construção civil da Bahia, em 1973 e também por conta de uma amizade, dessa vez a de José Olympio (p. 263).
[26] PORTO, Lucas. **Na Vida, a Trabalho.** ***Op. cit.***, p. 256-257, p. 279.

fora do Brasil[27], apadrinhar pessoas (Dite e Djalma), ser avô presente de Ana Karina e Camila, filhas de Laurinha – algo que Arantes fez acreditar para si e em sua biografia como um promotor moral delas[28] – e conseguir uma associação ao Clube Campomar[29].

Dentre todas essas ações positivas e admiráveis conquistadas pela dedicação ao trabalho, Arantes ainda era um homem de seu tempo, se beneficiando e reproduzindo valores patriarcais. Segundo Porto:

> As formas e os mecanismos de dominação são muitos e podem variar de acordo com cada situação: no ambiente de trabalho, entre patrões e empregados, ou em casa, entre marido e esposa, pais e filhos. Suas ocorrências também podem ser bastante subjetivas e relevar contradições. A educação que Arantes transmitiu às netas, com vistas no que ele queria e no que não queria para o futuro delas, confrontava a relação que estabelecia com Morena. Talvez ele nem cogitasse que a esposa vivesse sob qualquer exploração, subalternidade ou silenciamento, mas claro que Morena tinha suas queixas e algumas delas não eram segredo. O título de um clube social adquirido por ele em 1983, além de ilustrar o alcance e os limites da sua mobilidade, oferece à pesquisa o acesso a papéis e hierarquias sociais que se abrigavam na sua família.[30]

A sensibilidade de Lucas Porto mostra o quão complexo um sujeito pode ser. Arantes não é apenas um "trabalhador", isto é, uma categoria universal que pode ser vista idealmente em toda e qualquer sociedade e tempo. Tendo em vista uma análise histórica com raízes fortes inspiradas na tradição de João José Reis[31], a biografia e a vida como objetos historiográficos formam uma vertente analítica que preza uma função empiricista dos documentos, ao mesmo tempo em que estabelece uma crítica contra grandes modelos de explicação histórica, focalizando seus esforços analíti-

[27] *Ibid.*, p. 300.
[28] *Ibid.*, p. 305.
[29] *Ibid.*, p. 312.
[30] *Ibid.*, p. 311.
[31] *Ibid.*, p. 8.

cos para o sujeito e suas experiências individuais, sem esquecer, é claro, do contexto que o envolve.[32] Isso, diga-se de passagem, mostra como há na historiografia de Porto, por mais *fontesoniana* que seja, pressupostos teóricos elementares que determinam *qual* história será escrita. No caso de Porto, se apoiando no empirismo de E. P. Thompson (sujeito tão pragmático quanto o autor do livro), ele corrobora com a noção de que não se estabelece um modelo explicativo a-histórico, mas uma análise processual que se determina e delimita pelas possibilidades circunscritas ao próprio objeto de análise, sendo impossível, por exemplo, questionar funções epistemológicas e conceituais dos termos "sujeito", "vida" e "trabalho" a partir de determinada filosofia metafísica que não leva em consideração o contexto histórico no qual está inserido.[33]

Por fim, as últimas duas partes do livro ("Trabalhar ainda era preciso (1986-1995)" e "Epílogo: Deu no *A Tarde*!") versam sobre a impossibilidade de Arantes se aposentar logo que saiu da CONCIC, mudando o ramo de trabalho para a administração de fazendas, ocupando, nesse sentido, uma posição hierarquizada e, por isso, sendo visto como um "chefe" rigoroso, paternal e até mesmo como um "*véio filadaputa*"[34]. Isso mostra, antes de tudo, a forma com a qual a classe trabalhadora se comporta em suas relações interpessoais, fazendo com que Porto nos apresente a noção de "gerenciamento de si"[35].

Ao fim de sua vida, Arantes vivia em uma casa de repouso para idosos, ainda tecendo relações e deixando à posteridade que tomou sua vida como objeto de análise histórica um legado de micro-história social. Nesses termos, Porto argumenta que:

[32] Para uma análise dessa tradição de pensamento em perspectiva internacional, cf. MALERBA, Jurandir. **A História na América Latina**: ensaio de crítica historiográfica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, esp. p. 80-85.
[33] THOMPSON, E. P. *op. cit.*, p. 131.
[34] *PORTO, Lucas.* **Na Vida, a Trabalho.** ***Op. cit.,*** p. 396-414.
[35] *Ibid.*, p. 328, p. 450.

> O mundo em que ele viveu era repleto de divisões culturalmente significativas (de classe, gênero, cor, idade, letramento), manifestadas a partir de marcadores que vinculam a cor da pele a posições de *status* social. Por sua vez, o ideal de brancura se estabelece em termos diversos: comportamento e jeitos de falar, vestuários, local de nascimento, níveis de escolaridade. Ao cruzar as linhas de classe, um sujeito não branco teria que lutar para fugir de estereótipos imputados à gente de cor por quem se considerava branco: mostrar-se como alguém sem vícios, rigorosamente honesto e cumpridor dos seus deveres, que fosse capaz de manter a família organizada etc.[36]

Com isso, percebe-se que, por mais jocoso que seja o título dessa resenha, a aproximação entre o Arantes de Lucas e o Menocchio de Carlo Ginzburg se faz interessante à medida em que ambos estão preocupados com uma coisa: perceber a realidade social que envolve determinado sujeito e o que isso diz sobre o espaço ocupado e o contexto histórico em que ele está localizado.

O que se entende por uma "micro-história", como nos ensina Ginzburg[37], na historiografia italiana é marcado editoralmente pela coleção "Micro-histórias", publicada pela editora Einaudi e organizada por Ginzburg, Giovanni Levi e Simona Cerutti em 1981. No entanto, o problema da micro-história é posto como uma crítica ao paradigma estruturalista-funcionalista de Fernand Braudel e Pierre Chaunu que se organizava sob a égide da análise quantitativa e econômico-social, prezando sua serialidade e continuidade funcional em determinado período e espaço.[38] Desse modo, a micro-história se coloca, resumidamente, como um campo da historiografia que surge como crítica à análise serial da realidade histórica e, a partir de um caso individual (um moleiro do século XVI), *conta uma história* desse caso. Nos termos de Ginzburg, *O Queijo e os Vermes* (1976)

[36] *Ibid.*, p. 464.

[37] GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In.: GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros**: Verdadeiro, falso e fictício. Trad. Rosa Freire D'Aguiar; Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 249-279.

[38] *Ibid.*, p. 259-261.

"não se limita a reconstruir uma história individual: conta-a", indicando que o ponto elementar da historiografia micro-histórica está a postura de interesse contínuo sobre *uma* coisa: a vida de um sujeito e sua *estória contada*. Não à toa, a micro-história "aceita o limite [da reconstituição da realidade histórica] explorando as suas implicações gnosiológicas e transformando-as num elemento narrativo".[39]

Se definirmos a micro-história a partir desses termos (o interesse objetivo no individual e na vida, a reconstituição de uma história e, *last but not least*, a *estória contada*), encontramos no Arantes de Porto o Menocchio de Ginzburg. Outrossim, o fato do interesse pelo particular apresenta-se como uma premissa empiricista: Lucas Porto não se preocupa com o *Mundo*, mas com o sujeito em sua experiência individual que se encontra em um contexto sociologicamente delimitado e que, mais importante, se preocupa na reconstituição histórica desse sujeito. O problema da experiência, nesse sentido, está posto quase que como uma preocupação teórica no trabalho, ao passo que há uma tentativa de demonstrar ao leitor que todos os vestígios foram investigados; todas as lacunas foram vistas, ainda que nem sempre captadas; os fios e os rastros de Arantes escaparam do tempo, mas não da historiografia de Porto.

Referências

GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. *In.:* GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros:* Verdadeiro, falso e fictício. Trad. Rosa Freire D'Aguiar; Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 249-279.

MALERBA, Jurandir. *A História na América Latina:* ensaio de crítica historiográfica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MOURA, Clóvis. *Injustiças de Clio:* o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

[39] *Ibid.,* p. 271.

PORTO, Lucas. *Na Vida, a Trabalho:* mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA – 1930-2009). Salvador: EdUFBA, 2025.

PORTO, Lucas. *"O perfil do administrador que a empresa precisava":* mobilidade social, escrita de si e marcadores de diferenças na trajetória de Antônio Arantes (Salvador/BA - 1930-2009). 445 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros:* uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 [1978].

Recebido em: 06/07/2026
Aceito em: 02/11/2026